

# TRAIDORES DA PÁTRIA



Arte/Focus Brasil

Tarifaço de Trump, articulado por bolsonaristas que chantageiam o país, impõe 50% sobre exportações brasileiras. Governo reage com a Lei da Reciprocidade e expõe traição da base bolsonarista, com as figuras centrais de Jair e Eduardo Bolsonaro e o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas

focus  
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 15 de julho de 2025 Nº 198

Tarifaço  
expõe traição  
da base  
bolsonarista e  
governo  
aciona Lei da  
Reciprocidade

“O capital  
foi tão  
triumfante  
que matou o  
capitalismo”,  
diz Yanis  
Varoufakis

Pesquisa  
Atlas:  
governo  
resiste à  
pressão e  
sustenta  
apoio

Seminário  
debate avanços  
no setor  
empresarial  
com programa  
Nova Indústria  
Brasil

## » PROGRAMA **Reconexão Periferias**

exibido quinzenalmente, às  
terças, 17h no canal da FPÁ



ACOMPANHE : [/FundacaoPerseuAbramo](https://www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo)



# focus BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

**Diretor de Comunicação:** Alberto Cantalice

**Coordenador de Comunicação:** Pedro Camarão

**Coordenador editorial:** Guto Alves

**Diagramação e Arte:** Nathalie Nascimento

**Colaboradores:** Claudia Rocha, Fernanda Estima,

Fernanda Otero, Henrique Nunes



FUNDAÇÃO  
**Perseu Abramo**  
Partido dos Trabalhadores

### **DIRETORIA EXECUTIVA**

**Presidente:** Paulo Okamoto

**Vice-presidente:** Brenno César Gomes de Almeida

**Diretoras:** Elen Coutinho, Mônica Valente e Naiara Raiol

**Diretores:** Alberto Cantalice, Alexandre

Macedo de Oliveira, Carlos Henrique Áraabe,

Jorge Bittar e Valter Pomar

### **CONSELHO CURADOR**

**Presidenta:** Eleonora Menicucci

**Conselheiros:** Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana

Maria de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton

Ferreira Viana, Camila Vieira dos Santos, Dilson de Moura

Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel, Fernando

Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada Lopes,

José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima, Laís

Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza Borges

Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges

Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif,

Pedro Silva Barros, Sandra Maria Sales Fagundes,

Sergio Nobre, Tereza Helena Gabrielli Barreto,

Vladimir de Paula Brito.

### **SETORIAIS**

**Coordenadores:** Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares Mendonça

Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência), Eliane Aparecida

da Cruz (Saúde) e Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

### **CONTATOS**

[webmaster@fpabramo.org.br](mailto:webmaster@fpabramo.org.br)

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) – CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338



# Tarifa Made in USA

A chantagem do tarifação de Trump, a traição de Tarcísio e Bolsonaro e a resposta firme do governo com a Lei da Reciprocidade O governo brasileiro reage à altura após Trump sobretaxar o aço nacional. No centro da crise, estão Jair, Eduardo e Tarcísio, que atuaram contra os interesses do país. **pág. 05**

## CARTA AO LEITOR

Derrotar a extrema direita e avançar na soberania nacional  
**pág. 04**

## CAPA

Chantagem de Trump em defesa de Bolsonaro recebe resposta dura do governo Lula  
**pág. 05**

Trump isola os EUA: Câmara de Comércio critica tarifa contra o Brasil  
**pág. 08**

## BRASIL

Inclusão digital na Amazônia: Governo investe R\$ 759 milhões para conectar áreas

remotas

**pág. 09**

## ENTREVISTA

Fyannis Varoufakis - "O capital foi tão triunfante que matou o capitalismo"  
**pág. 10**

## POLÍTICA

Fim da 6x1 já: povo vai às ruas contra tarifação e desigualdade  
**pág. 20**

Pesquisa Atlas: governo resiste à pressão e sustenta apoio  
**pág. 22**

PGR pede condenação de Bolsonaro e aliados por

tentativa de golpe de Estado  
**pág. 23**

## PT

Maior PED da história do PT elege direções em 21 estados e leva disputa ao 2º turno em cinco  
**pág. 25**

PT vai acionar PL na Justiça por fake news com uso de IA  
**pág. 26**

## CULTURA

'O funk é uma cultura de emancipação para as mulheres', afirma pesquisadora  
**pág. 27**



# Derrotar a extrema direita e avançar na soberania nacional

A ofensiva tarifária de Trump, o servilismo da extrema direita brasileira e o desafio da independência tecnológica são o centro do debate sobre a soberania nacional, escreve o diretor de comunicação da FPA

Alberto Cantalice

**A** ingerência do ultradireitista Donald Trump nos assuntos internos do Brasil, motivada pelos apelos da extrema direita bolsonarista, demonstra cabalmente o grau de servilismo a que chegaram os patriotas de araque. A imposição da sanção de 50% nas exportações brasileiras para os Estados Unidos, país

que é superavitário na balança comercial com o Brasil, usando como mote uma mentirosa perseguição a Bolsonaro e sua quadrilha pelo STF, aponta que a escalada do atual ocupante da Casa Branca, além de deletéria, foge a qualquer parâmetro de civilidade nas relações internacionais.

A forma arrogante da missiva do mandatário norte-americano nos faz lembrar da Doutrina Monroe, formulada pelo então presidente James Monroe em 1823, que sublinhava que qualquer in-

tervenção nos assuntos políticos das Américas seria vista como ato hostil aos Estados Unidos. Foi a interpretação dessa doutrina imperialista que deu azo à intervenção estadunidense em golpes e quarteladas de triste memória em nosso continente.

É claríssimo que a aplicação tarifária por parte de Trump visou amedrontar o governo brasileiro em sua iniciativa de fortalecer os BRICS e restabelecer uma política externa independente, que por sinal já faz parte do histórico do nosso Itamaraty.

As reações às ingerências de Donald Trump puseram a nu o vira-latismo e a subalternidade da extrema direita brasileira frente ao seu patrão em Washington. As atitudes de Bolsonaro e de sua quadrilha já eram previsíveis. Prolaram os crimes de lesa-pátria e de submissão aos interesses estrangeiros, em detrimento dos exportadores brasileiros. Significativa foi a conduta do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, o mesmo que colocou o boné do Make America Great Again, traiu os empresários paulistas e se aliou à traição à pátria.

Essa ameaça à nossa soberania mostra a necessidade urgente de o Brasil romper a dependência tecnológica que atravanca o desenvolvimento nacional. Alvissareira foi a informação recente de que a Agência Espacial Brasileira, em conjunto com a Aeronáutica e sob a coordenação do Ministério da Ciência e Tecnologia, constituiu um grupo de trabalho para a construção de um GPS 100% nacional.

Outro dado relevante é o Nova Indústria Brasil, que, englobando variados setores, busca colocar o Brasil na rota da inovação tecnológica.

O Brasil é um país soberano e não deve se subsumir à lógica de nenhuma grande potência. Busquemos o nosso caminho. ■



Eduardo Bolsonaro, Jair Bolsonaro e Donald Trump na Casa Branca, nos EUA

Reprodução

# Chantagem de Trump em defesa de Bolsonaro recebe resposta dura do governo Lula

Com medidas concretas e discurso firme, Lula denuncia chantagem de Trump e responde com a Lei da Reciprocidade. Enquanto isso, a extrema direita brasileira, aliada ao trumpismo, ataca o país em nome de interesses familiares

Redação Focus Brasil

A resposta do governo brasileiro ao tarifaço imposto por Donald Trump, como medida de chantagem em relação aos processos nos quais Bolsonaro é réu no Superior Tribunal Federal do Brasil, não tardou. Nesta terça-feira, 15 de julho, foi publicado o decreto nº 12.551, assinado pelo presidente Lula,

que regulamenta a Lei da Reciprocidade Econômica. A medida permite a suspensão de concessões comerciais, de investimentos e de direitos de propriedade intelectual contra países que ataquem a soberania ou a competitividade do Brasil.

Aprovada em abril pelo Congresso Nacional, a nova lei autoriza o uso de contramedidas severas em caso de agressões comerciais unilaterais. No mesmo decreto, o governo também criou o Comitê Interministerial de Negociação

e Contramedidas Econômicas e Comerciais, coordenado pelo vice-presidente Geraldo Alckmin, para conduzir a reação oficial.

Segundo o presidente Lula, o comitê já iniciou reuniões com empresários para avaliar os impactos da sobretaxa de 50% anunciada por Trump. “A gente tem pouco tempo para reverter essa decisão, que afeta diretamente os interesses econômicos e a soberania do nosso país”, afirmou o presidente em publicação na rede ‘X’.

## Ataque comercial e sabotagem

Na carta em que anunciou as tarifas, Trump cita decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro e insinua perseguição contra Jair Bolsonaro, que é réu por tentativa de golpe de Estado. A narrativa reflete a atuação deliberada do deputado Eduardo Bolsonaro nos Estados Unidos, em uma ofensiva contra o Brasil para proteger seu pai da Justiça.

“Estamos assistindo a um ‘familiarismo’, e não patriotismo. Uma família que se coloca acima dos interesses do povo brasileiro: a família Bolsonaro”, denunciou o senador Rogério Carvalho (PT). Para ele, Eduardo está conspirando contra o Estado Democrático de Direito. “Isso é crime”, disse.

O advogado Marcelo Uchôa foi ainda mais direto: “É surreal ver uma família que perdeu uma eleição tentando destruir um país”. Em entrevista à TVPT, Uchôa defendeu a prisão preventiva de Jair Bolsonaro e a cassação de Eduardo Bolsonaro. “Ele está negociando com um grupo estrangeiro para provocar uma situação de desestabilização no país. É um lesa-pátria. Está advogando em defesa do pai, não do Brasil”, afirmou.

## Patriotas de boné MAGA

O episódio revelou a que ponto chegou o servilismo de setores bolsonaristas. O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), foi um dos primeiros a defender Trump após o anúncio do tarifaço, mesmo com seu estado sendo o mais prejudicado. A imagem de Tarcísio com o boné “Make America Great Again”, símbolo da campanha trumpista, viralizou como prova do alinhamento com interesses estrangeiros.

Segundo dados oficiais, São Paulo exportou mais de US\$ 13 bilhões para os EUA em 2024. A sobretaxa impacta diretamente a economia do estado e fragiliza empresas brasileiras. “Quando Tarcísio desfilava com aquele boné, ninguém avisou que o paulista é quem pagaria a conta”, ironizou o ministro do empreendedorismo Márcio França durante declaração.

A ministra das Relações Institucionais Gleisi Hoffmann cha-

**Governo reage  
com firmeza  
ao tarifaço de  
Trump e expõe  
traição do  
bolsonarismo,  
que atua contra o  
Brasil em nome  
de interesses  
familiares.**

mou a ação de Trump de “maior ataque já feito ao Brasil em tempos de paz” e classificou a reação bolsonarista como uma traição. “É nessa hora que uma nação distingue os patriotas dos traidores”, escreveu. Já Rui Costa, ministro da Casa Civil, foi categórico: “Agora sabemos quem são os brasileiros e quem são os traidores da pátria”.

Na avaliação do presidente do PT, senador Humberto Costa, a

tentativa de levar Bolsonaro aos EUA para negociar pessoalmente com Trump beira o ridículo. “Pedir que o Supremo libere Bolsonaro, que está sendo processado e com o passaporte retido, para negociar com Trump? Pelo amor de Deus, é de um primarismo político inacreditável”, criticou.

Para o ministro Fernando Haddad, o episódio escancarou o verdadeiro caráter do ex-presidente. “Bolsonaro bate continência para bandeira americana, diz ‘I love you’ para Trump e está torcendo por um golpe externo. Isso é conspiração contra a soberania nacional”, afirmou. E completou: “É um patriota de araque. Está defendendo seus interesses pessoais, não o povo brasileiro”.

## Bolsonarismo isolado, governo fortalecido

O desgaste político foi inevitável. A tentativa de chantagem empurrou o bolsonarismo para o isolamento. Nem todos os governadores da direita se apressaram em defender Trump. Os governadores Ronaldo Caiado (União Brasil-GO) e Romeu Zema (Novo-MG) se pronunciaram, mas Tarcísio ficou no centro da crise por ser o nome mais cotado da extrema direita para 2026, a depender da vontade da Faria Lima e de parte da imprensa – e o que mais se expôs.

O cientista político Marco Antônio Teixeira, em entrevista recente ao portal UOL, destacou que Tarcísio ficou “numa encruzilhada”: se defende Trump, trai o Brasil; se se opõe ao tarifaço, trai o bolsonarismo. O impasse deixou a oposição desorganizada, enquanto o governo Lula ganhou um discurso poderoso: a defesa da soberania nacional e da indústria brasileira.

Até a Câmara de Comércio



dos Estados Unidos e a AmCham Brasil (Câmara Americana de Comércio para o Brasil) criticaram a medida trumpista. Em nota conjunta, alertaram que a tarifa traria impacto direto sobre os consumidores americanos e poderia prejudicar 6.500 pequenas empresas que dependem de produtos brasileiros. O setor privado norte-americano, portanto, também se opõe à escalada de Trump.

### **Brasil soberano não se ajoelha**

A postura do governo brasileiro foi marcada pela firmeza. Lula afirmou que “quem deveria ser taxado são os Estados Unidos”, lembrando que o Brasil acumula um déficit comercial de US\$ 400 bilhões com o país ao longo dos últimos 15 anos. “Trump está mal-informado. E pior: está fazendo isso para proteger um criminoso”, disse.

**Com Lula à  
frente, Brasil  
enfrenta ataque  
econômico  
dos EUA e isola  
bolsonaristas,  
que se alinham  
a Trump em  
plena crise de  
soberania.**

A ministra Gleisi Hoffmann reforçou que o governo não recuará. “Pensam apenas no proveito político que esperam tirar da chantagem. Porque nunca se importaram de verdade com o país e com o povo”, disparou.

Na ponta oposta, o governo segue reunido com o setor empresarial, traçando medidas efetivas e coordenadas de retaliação, incluindo a possibilidade de suspender patentes, taxar dividendos e limitar o acesso de empresas norte-americanas a compras públicas brasileiras. A Lei da Reciprocidade está em vigor e será usada caso negociações não avancem.

Mais do que uma disputa comercial, o tarifaço de Trump se revelou um divisor político. Expôs o golpismo da extrema direita, a tentativa de sabotagem do país por interesses familiares e a hipocrisia dos que se diziam “patriotas” com a bandeira nas costas.



NOTA CONJUNTA

AMCHAM



U.S. Chamber of Commerce

## Trump isola os EUA: Câmara de Comércio critica tarifa contra o Brasil

Maior entidade empresarial dos EUA diz que sobretaxa proposta por Trump afeta famílias, indústria e comércio bilateral

Redação Focus Brasil

**N**em mesmo o setor privado norte-americano apoiou a decisão de Donald Trump de impor tarifas de 50% sobre os produtos brasileiros. Em nota conjunta divulgada no dia 15 de julho, a Câmara de Comércio dos Estados Unidos e a AmCham Brasil advertiram que a medida representa um risco direto à competitividade da indústria americana e aos consumidores do país.

A US Chamber of Commerce, maior organização empresarial

do mundo, destacou que mais de 6.500 pequenas empresas nos EUA dependem de produtos brasileiros, e que cerca de 3.900 companhias americanas têm investimentos no Brasil. Para a entidade, a tarifa prejudicaria cadeias de suprimento e elevaria custos para as famílias. “Impactaria produtos essenciais, aumentando os custos e reduzindo a competitividade de setores-chave”, afirma o texto.

A nota defende que os dois países evitem a escalada do conflito e busquem uma solução negociada. “Uma relação comercial estável e produtiva é essencial. Estamos prontos para apoiar os esforços que conduzam a uma solução pragmática e construtiva”, diz o

comunicado.

Em 2023, os EUA exportaram quase US\$ 60 bilhões em bens e serviços para o Brasil, um de seus dez principais mercados. O alerta do setor privado expôs o isolamento político de Trump, que se valeu da medida para chantagear o Brasil e interferir nas decisões do STF.

Para o governo Lula, a reação institucional foi imediata com a ativação da Lei da Reciprocidade, enquanto o setor empresarial brasileiro também iniciou articulações para defender os interesses nacionais. Ao que tudo indica, nem os aliados comerciais de Washington estão dispostos a seguir a trilha do confronto. ■

Com informações da Reuters e da Câmara de Comércio dos EUA



A liberação é proveniente do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust)

## Inclusão digital na Amazônia: Governo investe R\$ 759 milhões para conectar áreas remotas

Programa Norte Conectado leva internet de alta velocidade a comunidades ribeirinhas, escolas, unidades de saúde e centros de pesquisa na Amazônia Legal

Redação Focus Brasil

**C**om foco em garantir acesso à internet de alta velocidade em regiões historicamente isoladas, o Governo Federal anunciou um investimento de R\$ 759 milhões no programa Norte Conectado, uma das principais iniciativas de inclusão digital do país. A ação busca expandir a

infraestrutura de conectividade em áreas remotas da Amazônia Legal, beneficiando diretamente mais de 10 milhões de brasileiros.

Coordenado pelo Ministério das Comunicações e pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), o programa prevê a instalação de cabos de fibra óptica subfluviais, que percorrem o leito dos rios amazônicos para garantir uma conexão mais estável, segura e de longo alcance. A tecnologia também é menos suscetível a des-

matamento e queimadas, comuns na região, e tem impacto ambiental reduzido.

### Educação, saúde e pesquisa entre os beneficiados

Com a nova etapa do programa, que envolve um investimento federal de R\$ 759 milhões em parcerias com universidades e centros de pesquisa, o Norte Conectado vai conectar 1.100 escolas públicas, 220 unidades de saúde e todas as universidades e institutos federais da Amazônia Legal.

Segundo a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom), a expectativa é que a infraestrutura digital leve desenvolvimento, cidadania e acesso a serviços essenciais para comunidades ribeirinhas, indígenas, quilombolas e outros povos tradicionais.

“O programa tem um papel estratégico na soberania digital do Brasil e na democratização do acesso ao conhecimento”, destacou a Secom.

### Tecnologia a serviço da soberania e da integração nacional

A estratégia de conectar a Amazônia por meio de cabos subfluviais é apontada como modelo de conectividade sustentável e resiliente, contribuindo para reduzir desigualdades regionais e integrar a região aos grandes centros urbanos do país.

O projeto prevê a ativação de 10 infovias, das quais três já estão em operação, atendendo cidades em estados como Pará, Amapá e Amazonas. Até o fim de 2026, a meta é alcançar 59 municípios da Amazônia Legal, com um total de 12 mil km de fibras ópticas instaladas.

Com informações da Secom da Presidência da República.

# “O capital foi tão triunfante que matou o capitalismo”

Em entrevista exclusiva à Focus Brasil, o economista Yanis Varoufakis defende que o capitalismo foi superado por um novo sistema de dominação digital, o tecnofeudalismo, e alerta: só uma aliança entre os BRICS e a esquerda global pode deter o avanço da exploração na era da nuvem

**Fernanda Otero**

**Y**anis Varoufakis é um dos intelectuais mais provocadores da economia política do século XXI. Ex-ministro das Finanças da Grécia e professor universitário, ganhou notoriedade global por enfrentar a Troika durante a crise grega de 2015, e por desmontar os mitos da tecnocracia financeira internacional. Hoje, ele propõe uma tese radical: o capitalismo não está em crise, está morto. E foi o próprio capital

que o matou.

“O capital foi tão triunfante que matou o capitalismo”, afirma Varoufakis, que batizou o novo sistema de tecnofeudalismo. Nesse regime, as grandes plataformas digitais operam como senhores feudais da era da nuvem, não mais produzindo mercadorias, mas controlando o desejo humano e extraíndo rendas digitais diretamente dos usuários. “Amazon.com substituiu os mercados por feudos na nuvem”, explica.

- **Governança econômica em**

**tempos de crise**

- Em entrevista exclusiva à Focus Brasil, concedida direto da Grécia, Varoufakis faz uma análise devastadora das estruturas de governança econômica global e da crise ética da esquerda. Segundo ele, o colapso da solidariedade internacional entre os progressistas tem custado caro à classe trabalhadora. “Os banqueiros e os fascistas cooperam. Nós, progressistas, nos sabotamos.”

O ex-ministro também destaca o papel central que o Brasil pode exercer, ao lado da China, na



construção de uma nova ordem financeira internacional. “China e Brasil são os pilares dos BRICS. O resto é coadjuvante”, afirma, ao defender que o Sul Global assuma protagonismo na criação de um novo sistema monetário multilateral.

Voz indispensável no debate sobre o futuro do sistema econômico mundial, Varoufakis desafia o mainstream. Seu livro *Adults in the Room* (2017) tornou-se best-seller na Alemanha e no Reino Unido, enquanto *Tecnofeudalismo* (2023) entrou para o Top 10 de Economia da Amazon, organização criticada por ele, nos Estados Unidos e no Reino Unido. No Brasil, a revista *Veja* destacou *Tecnofeudalismo* como um dos livros de economia mais comentados de 2023.

**- Como você vê os últimos dez anos depois que o Syriza (Coliga-**

**ção da Esquerda Radical, partido político) assumiu o poder na Grécia? Há algo que você percebe agora que naquela época você não percebia?**

- Sem dúvida, o que aconteceu dez anos atrás foi o desperdício do sacrifício, pela nossa própria liderança, de uma fantástica oportunidade que a esquerda, de modo geral, não apenas na Europa, não apenas na Grécia, mas globalmente... É o tipo de oportunidade que temos uma vez na vida inteira. E para ser direto, nós a desperdiçamos. Fomos derrotados. Nem sequer foi derrota, foi traição. Então, como gostamos de dizer na esquerda, não existe algo como vitória final e não existe algo como derrota final. Mas já que você perguntou, o que eu aprendi nos últimos 10 anos, eu aprendi, ou reaprendi algo que a geração dos meus pais, a geração dos meus avós, e tenho certeza a

geração dos seus avós e pais sempre souberam. Mas, é importante aprender mais uma vez, que sempre que os movimentos populares perdem, não é porque os poderosos, as grandes corporações, os interesses, da concentração de capital são fortes. Não. Somos derrotados por causa das nossas próprias falhas. Somos derrotados porque estamos divididos, porque não temos a consciência de classe que o capital tem. Banqueiros, grandes empresas, big techs, os Rockefellers e os Elon Musk e os Deutsche Banks e os Wall Streets do mundo, eles têm muito mais consciência de classe e solidariedade do que nós, e isso é algo que deveria nos fazer refletir. Aprendi outras coisas também. Por exemplo, que os poderes estabelecidos, as grandes instituições do poder mundial, pessoas como os economistas e funcionários do Banco Mundial, do Fundo Monetário

Internacional, do Banco Central Europeu, aqueles que se apresentam ao mundo como os adultos da sala, como tecnocratas, como os que detêm o conhecimento, os mestres do universo, eles são profundamente incompetentes. Eu sou economista, passei toda a minha vida ensinando em universidades, eu presumia que grandes empresas, grandes bancos, o grande capital financeiro empregasse pessoas vindas de Harvard, Yale, Stanford, Cambridge e Oxford, que estão no topo deste jogo dos inimigos da classe trabalhadora, que são muito bons nisso, mas isso não é verdade. As pessoas que conheci eram altamente incompetentes. Eles simplesmente não seriam capazes de organizar como escapar de uma sacola de compras. Eles, tecnicamente, se você os analisar como economistas, eles eram patéticos, não entendiam economia básica. O que mais aprendi além disso? Que eles não estavam nem aí, porque não se tratava de economia, não era sobre sustentabilidade da dívida, não era sobre escolher a taxa de juros correta; não era sobre todos esses tecnicismos que eles apresentam como a “Ciência da Sociedade”, era sobre força bruta. Era sobre, como disse Lenin, quem faz o que contra quem e que poder eles têm sobre outras pessoas. E, sabe, nenhuma quantidade de capacidade intelectual da nossa parte, nenhuma quantidade de bons modelos econômicos poderia convencê-los porque eles não estavam nem aí. Eles só queriam esmagar qualquer um que desafiasse a autoridade de seus patrões, estas são coisas que no fundo, todo esquerdista sabia, mas não nessa extensão, especialmente o grau de incompetência em suas fileiras, o que também é uma boa notícia porque nós da esquerda temos uma tendência, mesmo que não admitamos, a superestimar as habilidades do

inimigo, suas competências, compreensão, destrezas tecnocráticas, e de subestimar as nossas. Então camaradas, eles não são tão bons. O problema é que não estamos unidos. E quando nos aproximamos do poder, nós da esquerda, demonstramos uma tendência a falhas éticas também. E precisamos ser autocríticos sobre isso. Se perdemos, perdemos por causa do que fazemos errado, não

## **“Somos derrotados porque estamos divididos, porque não temos a consciência de classe que o capital tem.”**

por causa do imenso poder exorbitante do inimigo.

**- Como está a esquerda na Grécia neste momento? Você pode nos dar uma breve explicação sobre o que é a Troika e o que é o “keynesianismo militar” que você tem falado ultimamente?**

- Meus amigos e camaradas no Brasil sabem o que precisam saber sobre a Grécia. A Grécia é uma colônia, no sul da Europa, dos grandes bancos europeus e do grande capital europeu, isso

é tudo que vocês precisam saber. A razão pela qual vocês sequer se interessam pela Grécia é porque toda a União Europeia, a economia capitalista europeia, foi organizada como um vassalo dos Estados Unidos, como um apêndice dos Estados Unidos. Os europeus adoram retratar a União Europeia como um grande feito europeu, mas não é nada disso: a União Europeia foi projetada pelos americanos, era parte do plano americano, do plano global, começando em 1944, mesmo antes do fim da Segunda Guerra, pela hegemonia mundial. E eles precisavam de uma Europa que funcionasse como coadjuvante dos Estados Unidos, precisavam que a Europa absorvesse as exportações dos Estados Unidos, porque naquela época a América, ao contrário de agora, era exportadora líquida. A Europa estava em ruínas por causa da guerra, e assim esta União Europeia foi projetada como um cartel de grandes empresas que era funcional aos interesses da acumulação de capital americano. Isso funcionou muito bem por duas décadas nos anos 1950 e 1960, enquanto os Estados Unidos eram um país superavitário, eles eram os exportadores líquidos. Essencialmente, eles nos davam o dinheiro, eles nos dolarizaram aqui na Europa, como dolarizaram os japoneses e em troca, o que obtiveram foi que comprávamos seus produtos, seus aviões e suas máquinas de lavar e seus refrigeradores e assim por diante. Até o final dos anos 1960, quando deixaram de ser exportadores líquidos e se tornaram importadores líquidos, então explodiram aquele sistema das primeiras duas décadas chamado Bretton Woods (para quem se lembra como era chamado, com taxas de câmbio fixas) e criaram um sistema completamente diferente: inverteram o sistema. Enquanto entre os anos 1950 e 1960 os Estados

Unidos, estavam enviando para a Europa, Japão, Ásia, dinheiro, dólares para continuar vendendo aos europeus e aos japoneses suas exportações líquidas, quando se tornaram importadores líquidos, enviaram dinheiro (dólares) na forma de seu próprio déficit comercial. O déficit comercial funcionava como um aspirador que sugava para o território dos Estados Unidos, as exportações líquidas da Alemanha, Itália, Japão e posteriormente da China, e eles eram pagos com dólares. Como conseguiram manter isso? Porque os dólares que os capitalistas alemães, japoneses, franceses, italianos (e depois chineses) ganhavam retornavam aos Estados Unidos da América. Eram reciclados, não ecologicamente, mas num esquema de reciclagem macroeconômica: o dinheiro voltava para financiar os déficits do governo americano, seu exército, a bolsa de valores e o mercado imobiliário. Essa era a situação. A União Europeia, e especialmente a Zona do Euro, nossa moeda comum, foram projetadas para ser parte desse sistema. Mas esse sistema colapsou em 2008 e a arquitetura europeia simplesmente não tinha capacidade de lidar com isso e começou a desmoronar. Quando você tem um prédio de apartamentos, que é arquitetonicamente, estaticamente frágil, e acontece um terremoto, como a grande crise financeira, ele começa a tremer e começa a desmoronar, certo? É o apartamento mais fraco que vai desabar primeiro, essa é a Grécia. Não que a Grécia não fosse importante por ser a Grécia, mas era porque era a parte mais frágil da frágil arquitetura da Europa capitalista. Quando tudo começou a desmoronar, correram para a Grécia, que virou um laboratório distópico. O que eles queriam era garantir que, nesta crise, não houvesse nada que pudessem fazer. Eles a criaram: o grande capital

financeiro, Wall Street, os bancos. Era uma crise bancária, a crise de 2008, não se engane, não era uma crise de dívidas, era uma crise dos bancos, do capitalismo, que depois se transformou em crise da dívida quando os Estados Unidos assumiram todos os prejuízos dos bancos. A prioridade número um dos formuladores de políticas era garantir que a classe trabalhadora pagasse o custo da própria crise, da crise bancária, da crise do grande capital. Isso significou

**“Nós da esquerda  
temos uma  
tendência,  
mesmo que não  
admitamos, a  
superestimar  
as habilidades  
do inimigo, suas  
competências”**

austeridade, redução de salários, de pensões, previdência social e assim por diante, para salvar os criminosos, os que criaram a crise. Então, a Grécia, como fomos os primeiros a cair, se tornou um laboratório distópico. Eles chegaram em 2010 supostamente para nos socorrer. Quer dizer, a América Latina sabe muito bem o que significam esses “resgates”. Significam socorrer a si mesmos, os banqueiros de Wall Street, de Frankfurt, de Paris, a classe do-

minante local, não para o país, é exatamente o oposto. É sangrar o país. Eles vieram e dedicaram todos os esforços para esmagar o povo grego. Foi uma demonstração efetiva, dizendo aos irlandeses, italianos, o proletariado francês e alemão: “Isto acontece se vocês resistirem. Serão esmagados como os gregos”. Só fomos azarados por sermos os primeiros a cair. Por isso, falamos da Grécia, eles nos esmagaram. Em 2010, em 2015, após anos de protestos e movimentos sociais e de solidariedade, algo extraordinário aconteceu em janeiro de 2015: vencemos as eleições, a esquerda radical venceu. Fomos de 4% para 40% em poucos anos, isso é incrível. Aceitei o cargo de ministro das finanças por um único motivo: parar os resgates financeiros, impedir a transferência das perdas dos financistas para os ombros dos cidadãos mais vulneráveis, da classe trabalhadora, dos aposentados, das pessoas que não podiam se defender. E isso significava, na prática, reestruturar, reduzir, diminuir massivamente a dívida pública, e acabar com a austeridade. Foi para isso que fomos eleitos. E lutamos durante cinco meses, e foi uma luta magnífica. Infelizmente, dentro do nosso governo, percebi logo, que havia forças que estavam basicamente tentando se render ao sistema financeiro, ao grande capital. Eu não acreditava que fariam isso, então continuei lutando. Até que dez anos atrás, em 5 de julho de 2015, o primeiro-ministro, meu camarada na época, Alexis Tsipras, convocou um referendo. Eu realmente esperava que vencêssemos aquele referendo. Infelizmente, como descobri depois, ele queria perder esse referendo para ter uma desculpa para se render. E vencemos o referendo porque o povo grego realmente enfrentou o desafio. Lembrem, fomos de 4% para 40%, e no referendo obtivemos

62%. Tínhamos um mandato para lutar, mas naquela noite entrei no escritório dele, no gabinete do primeiro-ministro, e ele disse: “É hora de nos rendermos”. Eu disse: O quê? Não, é hora de lutar e honrar essas pessoas lá fora. Enfim, não deu certo. Renunciei naquela noite. E, desde então, tivemos dez anos de destruição da esquerda. Porque quando ele impôs termos e condições que foram catastróficos para a maioria do povo, especialmente a classe trabalhadora, foi em nome da esquerda, certo? Uma coisa é ter austeridade sendo imposta por Bolsonaro, outra completamente diferente é tê-la imposta pela esquerda, quando a esquerda a impõe, a esquerda morre, ela comete suicídio. Só os fascistas se beneficiam disso, é onde estamos agora: a Grécia está totalmente esmagada. Não acreditem em quem diz que a Grécia se recuperou, 80% da população está em pior situação hoje do que há 15 anos. A média salarial, o poder de compra da renda real média disponível é 44% menor do que era em 2009, 44% é impressionante! Se acontecesse no Brasil, haveria uma revolução, haveria sangue nas ruas.

Este é um lugar derrotado e esmagado. Sei que esta é uma resposta longa, mas deixe-me conectar isso com o que acontece na Europa. Como a Grécia foi um laboratório distópico, onde fizeram isso não por odiarem os gregos, como eu disse antes, fizeram para levar este pacote de austeridade para muitos e socialismo para os banqueiros, esta impressão de dinheiro para banqueiros e austeridade para muitos, esta guerra de classes. Levaram este modelo para a Irlanda, Portugal, Espanha, Itália, França e Alemanha. O que aconteceu foi que esmagaram a renda da maioria dos europeus enquanto imprimiam trilhões e trilhões de euros para os muito

ricos. E que acontece agora? Veja, você dá dinheiro para uma empresa como Volkswagen, dinheiro impresso pelo banco central. O CEO da Empresa Volkswagen, olha pela janela e o que ele vê são pessoas sem dinheiro. Então ele não investe o dinheiro que recebe do banco central em novas capacidades produtivas, em veículos elétricos, Por exemplo, em vez disso, ele pega esse dinheiro, que é dinheiro gratuito que lhe foi dado... E normalmente é sempre

## **“Grécia é uma colônia, no sul da Europa, dos grandes bancos europeus e do grande capital europeu, isso é tudo que vocês precisam saber.”**

“ele”, certo? Não vou dizer “ele” ou “ela” porque são sempre “eles”. O patriarcado continua abraçando seu poder financeiro. Então, vão à Bolsa de Valores de Frankfurt e compram suas próprias ações da Volkswagen, isso infla artificialmente o valor das ações, mas não tem investimento. O resultado, são 15 anos sem investimento. Você tem a desindustrialização, agora a Volkswagen não consegue competir com a BYD, não conse-

gue competir com a Tesla. A Europa está indo por água abaixo. E o que eles fazem? Qual é a grande ideia? A grande ideia é: “Tudo bem, não podemos mais vender carros”, pensam os alemães. “Então vamos repassar nossas fábricas de automóveis ociosas para a Rheinmetall, empresa que fabrica tanques. E vamos forçar o governo a comprar esses tanques porque Putin está às nossas portas”. Por fim, estamos falidos aqui na Grécia, na Itália, em toda parte, como resultado de tudo que acabei de descrever e estão nos forçando a comprar, mas o dinheiro não existe. Então nos forçam a aumentar ainda mais a dívida que já é insustentável, para comprar tanques que não precisamos nem queremos, só para manter as fábricas alemãs funcionando. Isso é keynesianismo militar, que é o oposto do keynesianismo. Keynes estaria se revirando no túmulo a rotações por minuto altíssimas, porque isso não é sustentável. Se investissem dinheiro público, dinheiro emprestado, em energia verde, a energia verde se pagaria. Mas quando investem em tanques Leopard, que nem os ucranianos querem, porque são alvos fáceis destruídos por drones, são completamente, altamente inúteis. Inúteis. Até militarmente, são inúteis. Quantos tanques Leopard você pode comprar? Compre alguns milhares e fica cheio de tanques Leopard, depois para de comprar. Esse keynesianismo militar continua, mas não tem capacidade de se sustentar. Essa é a situação da Europa e da Grécia, desculpe, foi uma resposta muito longa, mas

**- Todas essas explicações nos levam ao ponto em que você decidiu organizar o DiEM25 (Movimento Democracia na Europa). Por que você decidiu organizá-lo?**



- Bem, a razão pela qual criamos o Movimento Democracia na Europa, DiEM25, (inspirado no Carpe Diem) é por algo que eu disse antes: os banqueiros e os fascistas são internacionalistas. Eles são verdadeiros internacionalistas. Se você for a Davos, não acho que deva, eu nunca fui, mas teoricamente, se você for a Davos e ver esses banqueiros conversando entre si, são como irmãos de armas, não importa se são suíços, alemães, nigerianos, brasileiros, tanto faz, eles se amam e ficam unidos. Se você ataca um deles, se algum governo ataca um deles, os outros se unem em torno dele e oferecem solidariedade e apoio. Os fascistas, veja Bolsonaro, Trump, Orbán, Le Pen, Meloni; eles se amam, estão completamente, completamente de braços dados. Eles cooperam, não se sabotam.

Agora, olhe para nós, progressistas, marxistas, socialistas, comunistas, o que seja; estamos sem esperança. Quer dizer, criamos a Internacional Progressista, que foi um grande passo, e fico muito feliz que temos muitos camaradas no Brasil participaram disso.

Criamos o DIEM 25 para isso, depois de criarmos a Internacional Progressista, mas por que fizemos isso? Porque a esquerda está desorganizada mundialmente, quer dizer, não há nível de coordenação ou solidariedade comparável ao dos banqueiros ou fascistas, esse é o ponto. O objetivo é criar o nível de solidariedade que precisamos para contrapor, em nível global, a solidariedade total, entre banqueiros e a solidariedade total entre os fascistas.

**- Você acompanha a política brasileira? Se acompanha, como vê a liderança de Lula no Sul Global e o avanço dos BRICS?**

- Para começar, embora nunca tenha conhecido Lula pessoalmente, tenho grande proximidade e sou amigo de muitas pessoas do governo. Deixe-me registrar oficialmente: Fernando Haddad, ministro da Fazenda, é um grande amigo, trabalhamos juntos. Veja, os anos Bolsonaro foram um pesadelo, então, todos nós nos beneficiamos com Lula na presidência, desejamos ao governo todo sucesso e faremos tudo o que for necessário para ajudar, porque

é uma tarefa difícil. O problema que a maioria dos países latino-americanos de esquerda enfrentam é que, eles podem controlar a presidência, mas não controlam o Congresso, não controlam os governos regionais, e muito do que precisa ser feito depende do apoio do Congresso. No final, entendo que precisam fazer concessões que comprometem a capacidade do presidente e sua equipe de implementar seu programa. Assim, acabam arcando com o custo político, precisam pagar o preço político por não controlarem totalmente o governo. Recebem toda a culpa por quaisquer falhas ou atrasos na implementação do programa, mas não recebem o benefício da dúvida, algo que merecem, já que não controlam o governo. Senti isso quando estava no governo. As pessoas diziam: "Ah, você está no governo". Eu respondia: Não, não estou, no governo. E não estou no poder. Tinha o ministério, mas muito pouco poder dentro dele como o ministro da Fazenda. Me preocupo com isso e compreendo perfeitamente a situação de Haddad. A participação do Brasil nos Brics também

é uma grande fonte de esperança, porque vamos encarar: a China é o único baluarte contra o imperialismo atualmente, em nível internacional. A China é um trabalho em desenvolvimento em si mesma. Eu tenho muitas críticas ao regime chinês, mas mesmo assim, é um lugar que realmente funciona, eles são os adultos na sala, eles são aqueles em que os movimentos populares e a classe trabalhadora, tem uma oportunidade, e estão fazendo coisas realmente impressionantes, tanto no nível da indústria, do município, na democracia de base, que é muito mais agitada na China do que na Europa ou nos Estados Unidos. Embora, não há democracia no nível do governo central, mas há muita democracia no nível local. Em termos de Brics, China e Brasil são os verdadeiros pilares do Brics, o resto são coadjuvantes, na minha opinião, e isso é muito importante. Eu gostaria de mais engajamento, no que considero nosso dever internacionalista, por exemplo, quando se trata do único assunto hoje que vai determinar como as futuras gerações nos verão, e esse assunto é a Palestina. Há um genocídio acontecendo. Eu gostaria que o Brasil se juntasse ao grupo que a Internacional Progressista organizou ontem, deveriam fazer parte disso, o governo Lula precisa fazer parte disso, não devem se intimidar com a resposta da administração Trump. A administração Trump será ameaçadora e venenosa com o Brasil, independentemente do que Lula faça, porque é da natureza deles. Então, junte-se ao grupo de resistência, participe do esforço para marginalizar Israel e suas estratégias genocidas, e assuma um papel mais ativo na criação de um novo sistema monetário no âmbito dos Brics. Não estou falando de uma moeda comum, o que estou falando é que os Brics, sob a liderança conjunta da China e do

Brasil, têm a capacidade de criar algo como o sistema de Bretton Woods, o sistema dos anos 1950 e 1960, democratizado, nada parecido com Bretton Woods liderado pelos EUA, mas algo nesse sentido. Gostaria de ver mais envolvimento do governo brasileiro nisso, porque, considerando que o Congresso não está cooperando e está criando dificuldades para o governo Lula, pode não haver muito tempo antes que percam a capacidade de exercer um papel de liderança. E eu realmente

## **“A União Europeia foi projetada pelos americanos, era parte do plano americano, do plano global, começando em 1944”**

acredito que o Brasil e a China juntos têm que desempenhar um papel de liderança, o resto de nós, progressistas aqui na Europa, não temos mais ninguém para recorrer. Então, meçam-se, não sejam tímidos, cerrem os lábios e não tenham medo do que Washington pensa de vocês. Eles não pensam muito em vocês.

**- A motivação principal para esta entrevista é a sua teoria sobre o Tecnofeudalismo. Gostaria que você nos explicasse o concei-**

**to e como ele traria luz à discussão econômica moderna.**

- O ponto que estou destacando com meu livro intitulado Tecnofeudalismo, com um subtítulo difícil de assimilar pela sua essência, um subtítulo muito controverso: “o que matou o Capitalismo? não “o que está matando o capitalismo?”, mas “o que matou o capitalismo?” é um subtítulo que realmente irritou muitos dos meus camaradas na tradição marxista. Mas o que tento explicar a eles é que este é um livro marxista, é uma análise política marxista. O que estou dizendo é que o capital foi tão triunfante que matou o capitalismo, e o que temos agora é pior que o capitalismo, é baseado no capital, e é baseado no triunfo completo do capitalismo. Mas não é mais capitalismo no sentido da ideia antiquada de mercados e lucros como os dois pilares, as duas colunas do sistema, agora é algo muito pior. E não estou dizendo que estamos voltando ao feudalismo, não, isso não é voltar ao feudalismo. Isso é avançar para uma evolução muito pior do capitalismo, que se baseia no triunfo do capital, em uma mutação do capital. Deixe-me ser breve e ir direto ao ponto: meu ponto é que o que vive em nossos telefones, em nossos computadores, dentro de todo o software e hardware, sabe, cabos de fibra óptica e as fazendas de servidores e os algoritmos que alimentam as Big Techs, é capital, é uma forma de capital, mas é muito diferente de qualquer tipo de capital que a humanidade já teve. O capital, claro, precede o capitalismo. Qualquer ferramenta, qualquer coisa que criamos para criar algo mais, seja uma máquina a vapor que você usa para produzir têxteis ou um arado que você usa na terra para cultivar e produzir milho ou trigo; estes são meios de produção produzidos. Isso é o que o capital é na nossa tradição marxista, correto?

Esqueça, não é dinheiro. São máquinas que criam ou ferramentas ou instrumentos para construir algo mais, uma mercadoria. Bem, essas máquinas às quais agora estamos colados dentro de suas telas, que nos magnetizam, elas são máquinas, meios produzidos, mas não de produção, elas não produzem nada, exceto o poder de modificar diretamente o comportamento humano, algo que nenhum equipamento de capital jamais teve. Então, se você fosse Henry Ford, você tinha bens de capital, tinha suas fábricas, sua maquinaria, sua linha de produção, linha de produção em massa, que permitia explorar mão de obra, extrair mais-valia dos proletários que trabalhavam nessas linhas de produção para obter seu 'Modelo T' que você então tinha que anunciar para as pessoas comprarem. Para isso, você usava publicitários, seres humanos de verdade, agora, as máquinas estão conectadas diretamente ao nosso cérebro, à nossa própria alma. Nós as treinamos para nos treinar, para treiná-las, para que elas nos conheçam melhor, para que nos deem bons conselhos, para que ganhem nossa confiança, para que então possam direcionar nossos desejos e criar desejos diretamente. Não um publicitário, mas uma máquina cria desejos que são feitos sob medida para mim. E às vezes ela me oferece bons conselhos e serviços que eu realmente quero, não vivo sem, sou viciado. Além disso, uma vez que essa máquina inseriu um desejo específico em meu coração, ela me vende a mercadoria que satisfaz isso diretamente, contornando qualquer mercado, porque a Amazon.com faz exatamente isso: contorna todos os mercados e envia um pacote para você, e Jeff Bezos cobra um aluguel que representa 40% do preço. Agora, essa é a única alusão ao feudalismo, porque o feudalismo operava

não com lucro, mas com renda. E não com máquinas, mas com terra.

Bem, agora o que estou dizendo é que as plataformas digitais são chamadas de feudos na nuvem. Elas vivem na nuvem e são como feudos. Elas não produzem nada, exceto reunir produtores e consumidores, para que o dono desse feudo na nuvem possa extrair uma renda, que é como a renda da terra no feudalismo, mas agora é uma renda da nuvem baseada em capital, nessa forma

**“Não acreditem em quem diz que a Grécia se recuperou, 80% da população está em pior situação hoje do que há 15 anos.”**

de capital, que eu chamo de capital na nuvem. Quando estamos nesse mundo, isso não é mais capitalismo, é uma espécie de, chamo eu, de tecnofeudalismo. Agora, algumas pessoas dizem: “Ah, qual é, ainda é capitalismo, Yanis, porque depende do capital.” Ok, tudo bem. Mas eu também digo a eles: se isso fosse no ano 1800, em Londres, e estivéssemos discutindo em que mundo vivemos, seria feudalismo ou capitalismo? As pessoas diriam: “Ah, qual é, é

feudalismo, onde quer que você olhe.” No século XVIII, você veria senhores feudais, cavaleiros, condes e barões, e sim, claro, mas agora sabemos que havia uma grande transformação ocorrendo. O poder estava cada vez mais mudando dos donos da terra para os donos das máquinas, das fábricas, das ferrovias e assim por diante, eles poderiam ter chamado o capitalismo de outra forma. Poderiam ter chamado de feudalismo industrial. Mas acho bom que tenham chamado de capitalismo porque a mente humana percebeu, ficou chocada ao entender que isso não era mais feudalismo, nenhum tipo de feudalismo, isso era algo muito diferente. É por isso que digo que é melhor pensar nisso como algo que foi além do capitalismo para algo que está tornando o capital ainda mais poderoso porque está diretamente ligado aos nossos cérebros, mas porque está diretamente ligado aos nossos cérebros, está destruindo mercados; destruindo mercados não, monopolizando mercados, destruindo-os. A Amazon.com não é um mercado, ela substituiu os mercados por um feudo, que vive na nuvem. E a menos que você entenda isso, você não pode compreender o mundo em que vivemos hoje, não pode entender por que, por exemplo, a Volkswagen nunca será capaz de competir com a Tesla ou com a BYD, a razão é que a Volkswagen não possui capital na nuvem; ela não está conectada à nuvem com seu próprio capital na nuvem, enquanto a Tesla, está. É por isso que Elon Musk comprou o Twitter, a BYD está conectada com a Baidu e assim por diante, você não pode entender por que existe essa Guerra Fria, uma nova Guerra Fria entre os Estados Unidos e a China, não tem nada a ver com Taiwan, não tem nada a ver com a produtividade e o avanço tecnológico da China. Eles sabiam disso, os america-

nos, muito antes, quer dizer, eles na verdade possibilitaram isso. Não, o que ocorre é que o capital na nuvem agora está concentrado no Vale do Silício e na China, portanto, existem dois polos de poder extremo que surgem, emanam, fluem do capital na nuvem, americano e chinês, e o que vemos é um conflito entre esses dois. Por que os Brics são tão aterrorizantes para os americanos? Eles são aterrorizantes porque a China possui capital na nuvem que se fundiu com o Brics Pay, que é uma forma de capital na nuvem baseado em blockchain. De certa forma, essa aglomeração, essa interconexão entre bancos chineses, o Brics Pay, o WeChat, o aplicativo incrível que eles têm para fazer pagamentos gratuitos na China, o dinheiro digital do Banco Central da China, com o comércio brasileiro, isso, o Ocidente não tem, e o Ocidente não pode ter. Não porque tecnologicamente estejam atrás, mas porque Wall Street nunca permitirá que as grandes empresas de tecnologia compartilhem suas rendas financeiras. E eles não permitirão que o FED tenha sua própria moeda digital. A administração Trump aprovou no Congresso a chamada Lei Genius, que proíbe o Federal Reserve de desenvolver sua própria moeda digital, enquanto os chineses a têm e os brasileiros estão usando.

**- E ele tem a sua, e sua esposa tem a sua.**

- Sim, mas todos são corruptos, eles sempre foram corruptos, temos políticos corruptos em todo lugar. É por isso que, como marxista, faço uma análise de classe, uma análise baseada na forma de capital, essa nova forma de capital, que é absolutamente sem precedentes, nova e inovadora, que criou o que eu chamo de tecnofeudalismo.

**- Como neste novo tipo de ca-**

**pitalismo, você vê uma nova forma de concentração de poder e riqueza. Xi Jinping está tratando muito sobre esses novos meios de produção como uma forma de atingir um novo nível de economia. Nesse sentido, onde estão os trabalhadores agora? Como podemos encontrar os trabalhadores? Porque esta é uma das crises no partido agora, é como mostrar ao trabalhador que ele é um trabalhador, que faz parte de todo um processo de exploração.**

- O Presidente Xi está certo de

## **“O Brasil e a China juntos têm que desempenhar um papel de liderança”**

duas maneiras, de ambas as maneiras. Primeiramente, você viu o que ele fez com os “cloudalistas”, as pessoas que possuem capital em nuvem na China, ele os controlou completamente. Jack Ma foi expulso porque estava cobrando muito aluguel de terra, ou aluguel de nuvem, devo dizer, muito aluguel de nuvem, e da mesma forma, você sabe, o que eles dizem ao Baidu, ao Bilibili e assim por diante: se você exagerar, se você exceder seu compor-

tamento de aluguel além de um certo nível, você está fora. Ninguém no Ocidente poderia fazer isso, ele está certo em fazer isso, mas porque é prejudicial aos interesses da sociedade que tanto aluguel de nuvem se concentre em tão poucas mãos. E em segundo lugar, quando dizem que nós vamos usar essas tecnologias, o “capital da nuvem”, para aumentar a produtividade, eles também estão certos. Porque lembre-se do que eu disse: O “capital da nuvem” ocidental não produz nada, é improdutivo. O Twitter é improdutivo, ou o “X”, o Facebook é improdutivo. Tudo o que ele faz é gerar poder para Zuckerberg, Bezos, Elon Musk, e outros, para manipular nossas mentes. Já na China, o que eles estão fazendo é pegar a inteligência artificial, pegar todos os algoritmos e fundi-los com máquinas para torná-las mais produtivas na fabricação de rolamentos, por exemplo, para aumentar a eficiência das máquinas que produzem rolamentos, para reduzir o número de rolamentos que são defeituosos, para essencialmente agregar valor ao processo produtivo. E sobre a questão do que dizemos aos trabalhadores, olhem, precisamos escapar do laborismo. Como marxista, sou contra o laborismo, não acredito que suar o dia todo numa fábrica seja essencialmente bom e que devemos preservar isso. Não. Se pudermos ter escravos que são escravos mecânicos substituindo o trabalho humano que destrói a alma e o corpo, não acredito que devamos, dizer moralmente, oh, não, precisamos manter as pessoas suando o dia todo porque é bom para o caráter delas. Não, não é bom para o caráter delas. E deixe-me dar um exemplo muito simples, pois isso vem direto de Karl Marx. E se aplica igualmente a máquinas a vapor e máquinas movidas por IA. Suponha que você tenha uma fábrica com 1.000 trabalhadores,

e eles produzem copos de plástico laranja, e você pode introduzir um androide movido por IA que produz, com o mesmo trabalho, o dobro disso. O que acontece se for uma empresa capitalista? Se for uma empresa capitalista, o capitalista vai comprar aquele androide com IA e demitir metade dos trabalhadores. E então, metade dos trabalhadores ficará desempregada, e o resto da sociedade terá que tentar ser solidário com eles, seja pagando benefícios, seja acolhendo-os em nossas casas, ou organizando bancos de alimentos para alimentar seus filhos, e assim por diante. Agora, suponha que fosse uma cooperativa, que fosse uma empresa socialista, e que aqueles que antes eram trabalhadores fossem os coproprietários da fábrica. Eles trariam o androide, e em vez de trabalhar oito horas por dia, trabalhariam quatro horas por dia e, no restante do tempo, aprenderiam um novo idioma, cuidariam de seus idosos, cuidariam de seus filhos, poderiam ler um livro, poderiam montar uma companhia de teatro. Isso é o que um marxista deveria fazer, então é isso que precisamos fazer. Precisamos trabalhar para socializar os meios de produção e os meios de comunicação, que são parte do capital da nuvem, e transformá-los em escravos dos humanos, em vez de permitir que humanos sejam escravos dos donos dessas máquinas.

**- No Brasil agora, estamos lutando pela redução das jornadas, estamos discutindo como reduzir os dias de trabalho, a carga horária. Na China, há uma grande discussão sobre como o mercado de entregadores está superexplorando os trabalhadores, e eles não são considerados trabalhadores, promovendo um debate. Há até um filme chamado Upgrade, que fala sobre os entregadores, e realmente aborda**

**como precisamos melhorar suas condições de vida. É interessante como isso se conecta com o seu ponto.**

- As condições de trabalho na China melhoraram substancialmente nos últimos dez anos. E os salários realmente aumentaram nos últimos dez anos, não há dúvidas sobre isso. Mas a extração de mais-valia continua. E um projeto socialista deveria ter como objetivo transformar proletários em proprietários, é realmente muito simples. Não é apenas uma

**“O que temos agora é pior que o capitalismo, é baseado no capital, e é baseado no triunfo completo do capitalismo”**

questão de aumentar os salários, aumentar os salários é um passo importante rumo a outro objetivo. Karl Marx criticou sindicalistas que exigiam um salário justo. Lembra-se do que ele disse? “Isso não existe. Nenhum salário pode ser justo”. Porque a ideia do salário está intrinsecamente ligada à noção de que alguém será dono dos meios de produção sem operá-los, mas recebendo os lucros. Enquanto aqueles que operam os meios de produção não os possuirão. Ora, isso é um

sistema de feudalismo industrial, também chamado de capitalismo, que devemos abolir. Agora, a IA. Dizem que a IA substituirá seres humanos, o trabalho humano, a questão é: quem possui a IA? Não se trata de regulá-la, esqueçam a regulamentação da IA, do capital da nuvem, a questão é quem a controla. Ou a sociedade a possuirá e colherá seus frutos, ou seremos escravos dos donos da IA, do capital da nuvem. Vejam bem, o projeto marxista de socializar os meios de produção nunca foi tão pertinente e atual quanto agora, e agora podemos fazê-lo. Na época de Marx, era impensável fábricas operarem sem humanos. Hoje podemos, nós vemos isso. Vá a qualquer fábrica da Apple, vá a qualquer fábrica da Tesla, sim, elas funcionam sozinhas, as máquinas. A questão é: quem é o dono delas? Algum rico que mora em Miami.

**- Você planeja ir à COP-30 em Belém este ano?**

- Nunca. Eu jamais faria isso, porque considero essas COP, essas conferências, um insulto à inteligência de quem se importa com o planeta. São eventos que, supostamente em nome da Transição Verde, funcionam efetivamente como encontros sórdidos, tipo Davos, de interesses consolidados que fazem greenwash de suas políticas mais sujas e se banham na luz de parecerem se importar com o planeta. Não, deveríamos todos ir até lá para jogar tinta vermelha neles ou tinta preta e expô-los pelo que realmente são. Eles são instigadores e apoiadores de tudo que está destruindo o planeta. Então, apertem os pulsos, camaradas. Essas não são iniciativas de pensamento e prática ecológica. São exercícios para enganar a todos e continuar a destruição do planeta e da humanidade.

Tradução Fernanda Otero  
Colaborou J. Renato Peneluppi Jr.

FORA CENTRÃO

Sergio Silva/FDA

# Fim da 6x1 já: povo vai às ruas contra tarifaço e desigualdade

Mais de 15 mil pessoas ocuparam a Avenida Paulista no dia 10 de julho. Ato nacional exige justiça fiscal, soberania e o fim do modelo que esgota a classe trabalhadora

Rose Silva

**N**o último dia 10 de julho, o concreto da Avenida Paulista tremeu sob os passos firmes de quem resolveu dar um recado diante das recentes crises políticas e econômicas enfrentadas no país - e fora de nossas fronteiras. Organizada pelas Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo, com apoio das centrais sindicais e movimentos

populares, a manifestação levou cerca de 15 mil pessoas às ruas de São Paulo, ocupando as duas pistas e três quadras da avenida com cartazes, palavras de ordem e um grito comum: o povo não aceita mais viver para trabalhar.

Entre as bandeiras levantadas estavam o fim da jornada 6x1, a taxa dos super-ricos e o repúdio ao tarifaço imposto ao Brasil pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. O protesto fez parte de uma mobilização nacional, com atos simultâneos em Brasília, Belo Horizonte, Sal-

vador, Rio de Janeiro, Fortaleza, Curitiba, Maceió, Florianópolis, Vitória, Cuiabá e São Luís.

Nos atos, faixas exigiam a taxa dos super-ricos e denunciavam a política externa de Trump como um ataque direto ao Brasil. A unificação das pautas expressa um novo momento de mobilização social, com base nas urgências do cotidiano: tempo de descanso, soberania econômica e justiça fiscal. O recado foi claro: não se vive para trabalhar, e nenhum país cresce pagando caro para ser explorado.

## “A gente não deveria viver só pra trabalhar”

Luka Leonardo, 18 anos, trabalha em uma empresa de telemarketing e acaba de concluir o ensino médio. Ele afirma que a escala 6x1 o impede de estudar e construir um futuro melhor. “A gente não deveria viver só pra trabalhar. Eu ganho menos de um salário mínimo. Sinto na pele o cansaço da escala 6x1, trabalho sem parar de domingo a domingo, com apenas um dia de folga. Não tenho tempo pra estudar. Para quem tem família ou estuda e trabalha ao mesmo tempo, é ainda mais difícil”, relatou.

O fiscal de ônibus Wellington Gonçalves, de 53 anos, sai de casa às 2h30 da manhã e enfrenta jornadas que chegam a 12 horas diárias. “A população pobre merece dois dias de descanso na semana, o desgaste físico e mental é muito grande. Mal vejo a minha família. Estou aqui porque acho que todo mundo deveria lutar por seus direitos, é a única forma de conseguir dias melhores.”

## “Se a escala 6x1 acabar, vai ter mais emprego”

A professora Ana Cláudia Ribeiro da Silva Gomes, de 28 anos, participou da manifestação com o objetivo de combater a desigualdade de renda e defender melhores condições de vida para a classe trabalhadora. “Não tem como viver com apenas um dia de folga por semana. E se a escala 6x1 acabar, vai ter mais oportunidades de emprego”, pontuou.

A mobilização nacional do dia 10 de julho marcou o retorno das ruas ao centro do debate público sobre jornada de trabalho, justiça fiscal e soberania econômica. Com pautas concretas e adesão popular, os atos reforçam a pressão por mudanças que toquem diretamente a vida da classe trabalhadora. ■



Sergio Silva/FPA



Sergio Silva/FPA



Sergio Silva/FPA



# Pesquisa Atlas: governo resiste à pressão e sustenta apoio

Após um semestre de oscilações, pesquisa AtlasIntel mostra interrupção na queda de popularidade do governo. Reação firme de Lula ao tarifaço de Trump e à sabotagem bolsonarista pode redefinir o cenário

Matheus Tancredo Toledo

**A**pesquisa mais recente divulgada pelo instituto AtlasIntel aponta, após um semestre de altos e baixos na popularidade do governo Lula 3, uma situação de estabilidade no momento da coleta dos dados. A aprovação medida pelo instituto é de 47,3%, enquanto a reprovação é de 51,8%. Desta forma, os patamares de aprovação e reprovação retornaram aos mensurados em dezembro de 2024 – momento anterior à queda nos índices entre janeiro e março deste ano.

A pesquisa foi realizada antes dos recentes fatos que podem impulsionar a popularidade de Lula. Entre eles estão as reações à ação do Congresso que derrubou o de-

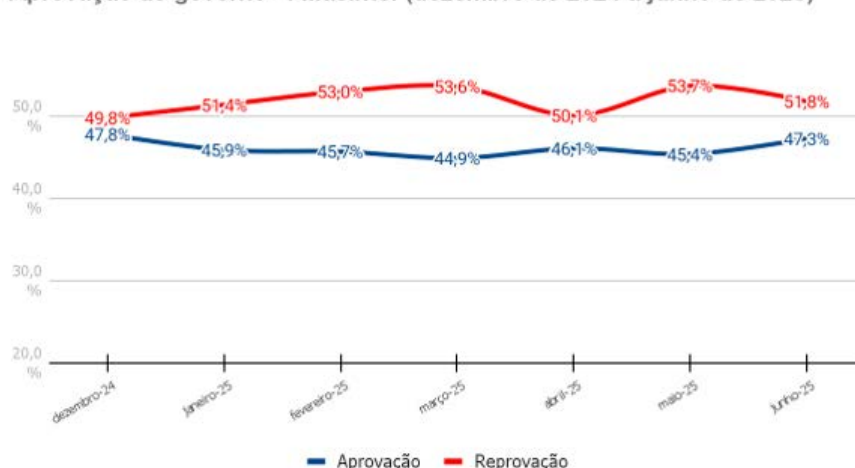
creto sobre o IOF e contra o presidente dos EUA, Donald Trump. Instigado pela família Bolsonaro, o presidente estadunidense tentou prejudicar o Brasil taxando nossas exportações em 50% – uma manobra para pressionar pela impunidade a Bolsonaro pela tentativa de golpe de Estado. A reação do governo, de Lula, de se-

tores da sociedade brasileira e do empresariado, aliada à postura do campo bolsonarista em priorizar os interesses de seu grupo em detrimento da economia e da balança comercial brasileira, são um revés relevante para a oposição.

O levantamento também investigou, entre diversos temas, a opinião dos brasileiros e brasileiras sobre a regulação das redes sociais no país. A maioria (53,3%) aponta que tal medida é necessária e urgente, enquanto 37,6% não veem necessidade e urgência, e 5,7% veem necessidade, mas não urgência no tema. Ainda, 53% confiam no STF para definir as regras de funcionamento das redes, enquanto somente 11% confiam no Congresso Nacional. Ampla maioria da população crê que conteúdos criminosos devem ser removidos pelas plataformas, como crimes hediondos (84%), incitação à violência física (82%), racismo, xenofobia e homofobia (81%), fake news (75%), discurso de ódio (74%) e injúria, calúnia e difamação (69%).

A AtlasIntel entrevistou 2.621 pessoas, em amostra representativa da população adulta brasileira por meio de questionários aplicados online, entre os dias 27 e 30 de junho de 2025. A margem de erro é de dois pontos percentuais (para mais e para menos) e o nível de confiança é de 95%.

Aprovação do governo - AtlasIntel (dezembro de 2024 a junho de 2025)



# PGR pede condenação de Bolsonaro e aliados por tentativa de golpe de Estado



Procuradoria-Geral da República apresentou alegações finais no inquérito do STF e pede penas que podem passar de 30 anos para Bolsonaro e aliados, acusados de crimes como tentativa de golpe e organização criminosa armada

Redação Focus Brasil

**A** Procuradoria-Geral da República (PGR) apresentou nesta segunda-feira (15/7), as alegações finais no inquérito que investiga a tentativa de golpe de Estado entre 2022 e 2023, pedindo a condenação do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e de outros sete integrantes de seu governo.

O documento foi enviado ao Supremo Tribunal Federal (STF) e assinado pelo procurador-geral da República, Paulo Gonet. É a primeira tentativa de Golpe de

Estado desde 1964, num governo que bateu recorde de presença de militares desde a ditadura militar.

## Núcleo central

Os acusados são apontados como núcleo central da tentativa de ruptura institucional para impedir a posse do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, que culminou nos ataques aos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023, dias após a posse de Lula. As penas requeridas pela PGR podem ultrapassar os 30 anos de prisão.

A peça de mais de 500 páginas acusa o grupo de cinco crimes: organização criminosa armada, tentativa de golpe de Estado, abolição violenta do Estado democrático

de direito, dano qualificado com uso de violência e ameaça contra o patrimônio público, e deterioração de patrimônio tombado.

Além de Jair Bolsonaro, os outros denunciados são os ex-ministros general Walter Braga Netto (Casa Civil e Defesa), general Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional), o delegado da PF Anderson Torres (Justiça e Segurança Pública), o deputado federal Alexandre Ramagem (PL) (Abin), Paulo Sérgio Nogueira (Defesa), o ex-comandante da Marinha Almir Garnier, e o tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens da Presidência, que firmou acordo de colaboração premiada com o STF.

## Projeto golpista

Segundo a PGR, Bolsonaro liderou a organização criminosa e “tomou para si a linha de frente do projeto golpista”, agindo antes e depois da derrota nas urnas em outubro de 2022. A acusação sustenta que o ex-presidente usou sua posição institucional para sabotar a transição democrática, mobili-

zar setores das Forças Armadas, desacreditar o processo eleitoral e insuflar a população contra o Supremo Tribunal Federal e o Tribunal Superior Eleitoral.

O parecer também detalha reuniões em que os acusados discutiram a decretação ilegal de estado de sítio, a prisão de ministros do STF, a edição de um decreto de GLO (Garantia da Lei e da Ordem)

sem amparo constitucional, e ações armadas para manter Bolsonaro no poder.

A delação premiada de Mauro Cid é usada como base para parte da acusação. Ele confirmou que havia minuta de decreto para anular o resultado da eleição e prender autoridades, incluindo o presidente do TSE, Alexandre de Moraes. O ex-ajudante de ordens também relatou que Bolsonaro mantinha reuniões com militares e assessores jurídicos para articular as medidas golpistas.

A peça enviada ao STF é a última etapa antes do julgamento. A defesa dos acusados terá prazo para apresentar suas alegações finais. A expectativa é que o caso entre na pauta ainda neste ano.





# Maior PED da história do PT elege direções em 21 estados e leva disputa ao 2º turno em cinco

Com mais de 548 mil votantes, o Processo de Eleições Diretas de 2025 consolida a vitalidade do partido e define lideranças estaduais; segundo turno ocorre em 27 de julho em cinco estados

Redação Focus Brasil

O Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras (PT) apresentou nesta quarta-feira (16), em coletiva de imprensa na sede nacional em Brasília, os resultados do PED 2025, processo que já é considerado o maior da história do partido em participação popular. Ao todo, 549.870 filiados e filiadas compareceram às urnas em todo o país para escolher dirigentes municipais, estaduais e a direção nacional.

Conduzida pelo atual presidente do PT, senador Humberto Costa, a coletiva contou com

a presença do novo presidente nacional eleito, Edinho Silva, da secretária Nacional de Mulheres, Anne Moura, e do secretário de Comunicação, Jilmar Tatto. O clima foi de comemoração e afirmação do caráter democrático do partido, o único do país a manter eleições diretas para todas as instâncias de direção, da base municipal ao comando nacional.

“Foi o maior PED entre todos os que realizamos. Mais de meio milhão de filiados participaram. Isso é muito expressivo. Esse engajamento mostra a vitalidade do nosso partido”, destacou Humberto Costa, que também ressaltou o papel do PED como instrumento de mobilização e renovação política.

[Veja aqui](#) ou no quadro abaixo os presidentes estaduais eleitos e as candidaturas que vão disputar o segundo turno.

## Balanço do PED 2025 reforça legitimidade e unidade interna

A principal novidade da eleição foi a consagração de Edinho Silva como presidente nacional do PT, com 73,1% dos votos válidos, uma vitória considerada expressiva e que reforça a legitimidade de sua gestão. Filiado desde 1985, Edinho já foi deputado estadual, prefeito de Araraquara e coordenador da campanha de Lula em 2022.

A chapa de Edinho integra a corrente majoritária Construindo

um Novo Brasil (CNB), que obteve 51% dos votos nacionais, maioria absoluta que garante governabilidade e coesão política. “Há muito tempo uma chapa não conseguia essa maioria. Isso fortalece nossa direção nacional para enfrentar os desafios de 2025 e 2026 com unidade”, completou Costa.

A eleição também reforça a importância da militância no cotidiano do partido. “O PT é o único partido que realiza esse tipo de eleição direta em todos os níveis. Isso não é apenas uma formalidade, é um exercício de democracia real”, afirmou Jilmar Tatto.

### **PED 2025 registra recorde de participação e amplia mobilização**

O PED 2025 superou o recorde

anterior de participação, estabelecido em 2009, quando 520.417 filiados foram às urnas. Em 2019, o total havia sido de 351.092 votantes. O crescimento significativo neste ano mostra um reenajamento da base partidária e o interesse da militância em participar ativamente dos rumos do partido.

#### **Confira os dados:**

- Total de votantes: 549.870
- Estados com presidente eleito no 1º turno: 21 + Distrito Federal
- Estados com segundo turno: 5 (Paraná, Rondônia, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Tocantins)
- Data do 2º turno: 27 de julho de 2025

O detalhamento dos votos por corrente e chapa, além da apuração por estado e município, será divulgado nas próximas semanas pela Secretaria Nacional de Organização (Sorg).

### **Estados com presidentes eleitos e onde haverá segundo turno**

O PT já definiu os presidentes estaduais eleitos em 21 estados e no Distrito Federal. Os nomes refletem a diversidade interna do partido e a pluralidade de chapas que participaram da disputa. Em cinco estados, o processo seguirá para segundo turno, marcado para o dia 27 de julho. Nessas unidades federativas, a disputa está aberta entre os dois candidatos mais votados do primeiro turno.

# **PT vai acionar PL na Justiça por fake news com uso de IA**

Partido Liberal publicou vídeo produzido por IA com mentiras e ataques infundados contra o PT e seus apoiadores; Justiça do DF será acionada para exclusão da peça e ação por danos morais



O Partido dos Trabalhadores acionará a Justiça do Distrito Federal contra o Partido Liberal (PL) que publicou postagem nas redes sociais em que o partido do ex-presidente Bolsonaro utiliza de inteligência artificial para promover fake news e ataques infundados contra o partido e a sua militância.

Em sua página oficial no Instagram, o Partido Liberal publicou vídeo inteiramente produzido por inteligência artificial para associar apoiadores do PT a usuários de drogas.

O PT entrará com ação na Justiça do DF para exigir a exclusão da publicação e a responsabilização do PL pelos danos morais causados ao partido.



# ‘O funk é uma cultura de emancipação para as mulheres’, afirma pesquisadora

Em entrevista à Focus Brasil, a fundadora da Frente Nacional de Mulheres do Funk, Renata Prado, defende o funk como espaço de liberdade, denuncia a repressão do Estado e critica projetos de lei que criminalizam a cultura periférica

**N**ascida e criada no Itaim Paulista, no extremo da Zona Leste de São Paulo, a dançarina, pesquisadora e produtora cultural Renata Prado costuma dizer que tem uma relação orgânica com o movimento funk, desenvolvida desde a adolescência, nos anos 2000. Começou a frequentar os bailes porque eram - e ainda são, praticamente, os únicos espaços culturais disponíveis nas periferias. “O funk dá esse espaço emancipatório. Ele permite que as mulheres sejam o que são”, afirma.

Formada em pedagogia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), foi na universidade que Renata teve contato com as frentes políticas, o movimento estudantil e participou da criação do Núcleo Negro Unifesp Guarulhos, ao lado de outros militantes e estudantes. Sua pesquisa acadêmica na área da educação abordou o funk no contexto da Lei 10.639, que trata do ensino da história afro-brasileira nas escolas. A partir de seus estudos, percebeu a ausência de políticas públicas voltadas à valorização desse movimento cultural periférico, marcado pela criminalização, pela repressão e por uma intensa resistência das mulheres negras que o constroem.

## **Frente Nacional de Mulheres do Funk**

Inspirada pela Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop, Renata foi uma das fundadoras da Frente Nacional de Mulheres do Funk, que surgiu com o objetivo de criar diálogo com o poder público. Trata-se de um coletivo de mulheres negras das periferias de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro

e Pernambuco, quatro estados onde o funk se consolida como fenômeno cultural, mas onde a política pública continua ausente. “A cultura funk não pode ser tratada como caso de polícia”, afirma.

Nesta entrevista, Renata fala sobre o papel do funk na emancipação das mulheres, a criminalização da juventude periférica e o avanço de projetos de lei que tentam censurar artistas que expressam as contradições sociais vividas nas quebradas. “Estão querendo punir mais uma vez o jovem por uma responsabilidade que não é dele.”

**- Muitas pessoas veem o funk como um espaço de objetificação do corpo feminino. O que você pensa a respeito disso? É uma forma preconceituosa?**

- Eu acredito veemente que o funk seja uma cultura de emancipação para as mulheres, particularmente aqui, um país onde tudo que se diz sobre vivência feminina acaba se tornando tabu: o corpo, a sexualidade, o erotismo. E isso também faz parte de um processo de manipulação da nossa sociedade. As mulheres estão nesse foco de manipulação social, e quando aparece o funk dizendo que elas podem usar a roupa que quiserem, comportar-se como quiserem, dançar e cantar o que quiserem, começa a ruptura de alguns tabus. Por isso eu acredito que o funk é emancipatório, justamente por abrir espaço para as mulheres serem o que são. Hoje as mulheres do funk têm uma postura muito mais libertária dentro de suas escolhas. Quando se fala no geral do comportamento feminino, principalmente dentro do movimento funk, naturalmente entende-se que essas mulheres não são capazes de fazer suas escolhas sexuais e artísticas, ou que são manipuladas. Na verdade,

nós escolhemos falar sobre sexo, mostrar os nossos corpos, decidimos fazer parte dessa cultura. Não existe nada que viole o nosso direito de escolha. Se hoje as mulheres estão falando sobre sexo, liberdade econômica, rompimento de relacionamento abusivo, entre tantas outras pautas colocadas nas músicas de funk, por exemplo, é porque ele dá esse espaço emancipatório. E quando eu trago essas reflexões, estou pensando em mulheres adultas. Acho que é muito importante a gente dizer isso, porque quando se fala do funk a partir da conotação sexual, do erotismo, é importante destacar que são mulheres adultas que escolhem consumir esse tipo de arte e isso precisa ser respeitado.

Agora, quando a gente olha para uma juventude que consome um tipo de conteúdo que talvez não seja indicado para determinada idade, é importante entender que falta educação dentro do ambiente escolar. Se hoje há jovens que acessam questões sexuais a partir do funk de uma forma que não seja socialmente adequada, entendo que falta uma educação sexual e que isso tem que ser resultado de políticas públicas. O que será que o Ministério da Saúde faz para pensar uma educação sexual voltada para a juventude do funk? O que a Secretaria de Educação pensa no plano pedagógico para falar sobre educação sexual nas escolas, voltada para a juventude do funk? Por isso é muito importante a gente pensar o funk a partir dessas perspectivas, de políticas públicas com foco na cultura para as mulheres no sentido libertário. E quando se trata de meninas e adolescentes que consomem esse tipo de música, é necessário olhar para as perspectivas educacionais. Cercear não é o melhor caminho, educar é o melhor caminho. A participação



feminina do funk não fica restrita ao campo da sexualidade. Se hoje o mercado de trabalho exclui as mulheres, existe um mercado dentro do funk que as acolhe. Temos DJs, dançarinas, MCs, produtoras que vivem, economicamente falando, das suas profissões dentro dessa cultura. Outro ponto é o campo da formação política. Vivemos numa sociedade onde as mulheres não têm tantos direitos. Então, para pensar que o funk é um caminho de possibilidades, é preciso entender que essa cultura emancipa as mulheres dentro do grupo.

**- Observa-se uma prática de repressão ao funk hoje que é muito similar à ocorrida com outras manifestações culturais afro-brasileiras no passado e no**

**presente. O rap passou por isso, o samba, a capoeira. Como é que o movimento se organiza para enfrentar essa repressão?**

- Hoje o movimento funk está organizado mediante todos esses ataques justamente porque compreendemos que passa por diversas nuances de perseguição dentro de sua história. Desde a primeira CPI do funk, em 1999 no Rio de Janeiro, até o entendimento do funk pela mídia como fenômeno cultural, no início dos anos 1990, no Rio, quando fica muito claro ser uma cultura voltada para jovens negros da periferia. E quando o Estado entende o funk como cultura, lá em 1992, começa a se perseguir essa cultura. O impacto disso foi a criminalização dos bailes de corredor que resultou na CPI do funk. No início dos

anos 2000, a gente teve a perseguição dos funkeiros na Baixada Santista. Depois, em 2010, a perseguição com os jovens funkeiros no extremo Leste de São Paulo, no rolezinho, um fatídico dia em que a juventude marcou pela rede social encontros no Shopping Itaquera e isso se tornou um problema para esse espaço. Então, começa uma violência, uma perseguição a esses corpos de jovens funkeiros. Depois tivemos prisões arbitrárias, como sempre houve na história do funk. E hoje lidando com a lei anti-Oruan, a CPI dos pancadões, a gente teve a morte dos nove jovens no baile da DZ7 em Paraisópolis, em dezembro de dois mil e dezenove, pela Polícia Militar do Estado de São Paulo, na prefeitura do Covas. Trata-se de uma perseguição do Estado com



essa juventude, que tem cor e tem classe. Penso que é preciso pensar quais são os caminhos a seguir para fazer com que essa perseguição não aconteça e que o movimento funk se organize para fazer o enfrentamento. Mediante todas essas medidas inconstitucionais, assim eu as enxergo, com a Polícia Militar perseguindo um movimento cultural, estamos com um problema muito grande. Temos a Frente Nacional de Mulheres do Funk, um coletivo autônomo, e a Frente Estadual Parlamentar do Funk, que surgiu no ano passado, resultando em articulações entre movimento funk, organizações da sociedade civil que dialogam com o movimento e representantes do poder público. No caso, a parlamentar que responde pela Frente Nacional de Mulheres do Funk é a Ediane Maria, do PSOL, uma parlamentar que convidou o movimento para dentro do gabinete para a gente fazer essa construção, e resultou em um espaço democrático para fazer esse enfrentamento político. Posso dizer que o movimento funk está se organizando de uma forma orgânica por conta dessa repressão massiva que vem sofrendo historicamente, pois é a primeira vez que um projeto de lei atua nacionalmente para perseguir uma cultura. O funk é muito diferente do movimento hip hop, porque o ar de politização dentro do hip hop já é algo que vem da sua cultura. O movimento funk surge de um lugar muito despretenso, politicamente falando, e hoje nós temos de lidar com essas questões políticas.

**- Como atua o projeto de Lei Antioruan?**

- Ele tem o propósito de fazer com que artistas da periferia que cantam as suas vivências não sejam contratados com recursos do poder público em casas de cultura, apresentações, shows e afins.

A Lei Anti-oruan está sendo construída com base na moral e nos bons costumes, pois o que está colocado nesse projeto de lei já existe constitucionalmente falando. Em relação a crianças e adolescentes, encontramos isso no ECA. Sobre a questão da garantia de direitos, do cuidado, do dever do Estado com a juventude, a gente encontra no Estatuto da Juventude. Quando se trata de questões da juventude negra, há vários documentos que garantem a política no seu campo de constituição cultural. Então, já existem projetos de leis que cuidam da cidadania da criança e do adolescente. Um projeto como a lei Anti-Oruan retira o direito de jovens funkeiros e do rap, pois trata do funk do trap, que faz parte da cultura hip hop, justamente para perseguir culturas que são altamente consumidas por jovens da periferia. Ela persegue a partir dessa leitura de que são músicas com apologia ao crime, conotação sexual ou algo que se entende não ser de “bom tom”, e por isso não vão mais ser contratados. Um classismo absurdo, um racismo absurdo, porque esses jovens estão cantando em suas letras somente aquilo que está dado socialmente. Então, se há parlamentares incomodados com as letras de músicas que estão sendo cantadas, eles precisam trabalhar para fazer com que a sociedade fique livre da violência que os jovens cantam em suas músicas. Porque se hoje vivemos numa sociedade violenta, não é por conta do funk, não é por conta do trap, e sim da governabilidade que leva a esse lugar. Esse projeto de lei busca proibir os equipamentos públicos de cultura a contratar esses artistas e na minha leitura como pesquisadora militante ativista e funkeira eu posso afirmar que isso é nada mais nada menos que uma estratégia racista de distanciar os jovens artistas dos seus direitos, porque eles têm direito de

cantar a sua música, assim como o direito de ocupar o centro cultural da sua quebrada para isso. Não pode existir um projeto de lei que proíba um jovem de ser contratado para cantar a sua realidade. Então, estão querendo punir mais uma vez o jovem por uma responsabilidade que não é dele.

**- O crescimento da extrema-direita, cada vez mais fortalecida no Brasil e no mundo, tem afetado diretamente os jovens do funk. Mas, contraditoriamente, grandes produtores apoiam políticos de direita. Como você vê essa questão?**

- Quando a gente olha para a atual conjuntura política, percebe o avanço do neoliberalismo no mundo. E o funk não iria ficar de fora disso. Quando avança a cultura do neoliberalismo, isso vai impactar os jovens do funk, que não entenderam ainda a importância dos direitos trabalhistas, não acessaram universidades de qualidade, apesar das cotas, de programas como ProUni, Sisu e afins, ainda assim não é o suficiente para a juventude. Outro ponto é pensar que empresários não têm aval para construir política pública. Empresário precisa atuar no campo corporativo e repartição pública não é um espaço corporativo. Não existe motivo para empresários do funk dialogarem com o poder público para construir políticas públicas, isso é inconstitucional inclusive. Essa relação do empresariado com as instituições e o poder público são um problema. Existe uma parte do movimento funk que é contrária a essas articulações porque nós entendemos que quem desenvolve políticas públicas é o movimento, é a sociedade civil, juntamente com representantes do poder público. O empresário deveria atuar apenas dentro do campo corporativo. Mas, ainda assim, como falamos de um mo-

mento político onde o avanço do neoliberalismo está dado, naturalmente empresários só pensam em dinheiro, e vão dialogar com esses representantes do poder público para fazer os seus acordos em nome do movimento.

**- O funk contribui para a formação de lideranças periféricas no Brasil?**

- Sim, está acontecendo porque é necessário. Realmente, hoje, a gente está numa forte onda de perseguição da direita com o movimento funk. Isso faz com que se articule com esses representantes do poder público dispostos a dialogar, para começar a criar caminhos contra a repressão. A Frente Nacional de Mulheres do Funk surgiu em dois mil e dezessete, e a Frente Estadual Parlamentar do Funk no ano passado. Essas articulações são jovens, e diante de todo o histórico de perseguição com o movimento funk, eu acredito que é a primeira vez que sentimos isso nacionalmente. É muito importante a gente fazer esse debate com pessoas que compreendem o funk como cultura. O funk tem várias questões que eu acho, sim, precisam ser repensadas, ser construídas socialmente com atores da sociedade civil. A cultura funk não pode ser tratada como caso de polícia, assim como também o movimento funk não ignora as questões sociais que permeiam o baile funk, por exemplo. Então, é muito importante a gente entender que o movimento está aberto ao diálogo, para compreender qual é o tipo de baile funk a gente quer. Sabemos o que não queremos: a polícia invadindo e matando funkeiro em baile, em nome da ordem social. Fazendo debates como esse fica mais claro quais são as nossas proposições políticas. A gente quer construir uma sociedade melhor, que seja boa para todo mundo, a partir de uma visão cultural.



11 /07/ 1935

## Governo decreta ilegalidade da ANL

Apoiado na Lei de Segurança Nacional, Getúlio decreta o fechamento de todos os núcleos da Aliança Nacional Libertadora (ANL) no Brasil, enquanto se processa o cancelamento de seu registro. Ao mesmo tempo, ceda o prédio do Instituto Nacional de Música aos integralistas, para que realizem a cerimônia de encerramento do seu congresso no Rio — demonstrando que o governo está disposto a impedir o avanço da esquerda.

Assustados com o crescimento vertiginoso dos núcleos da ANL em todo o país, a igreja católica, banqueiros, industriais, representantes de empresas estrangeiras e jornais como “O Globo” e “O Jornal” já fizeram campanha por

sua interdição há meses.

Os barcos sobre o fechamento da organização aumentaram quando o governo proibiu a Aliança de comemorar os levantes tenentistas de 1922 e 1924, no dia 5 de julho. Mesmo assim, as manifestações aconteceram em várias cidades. O deputado Otávio da Silveira, na Câmara dos Deputados, e Carlos Lacerda, no comício da ANL no Rio de Janeiro, leram o manifesto de Luís Carlos Prestes, presidente de honra da Aliança, que conclamava:

“Organizai seu ódio contra os dominadores, transformando-o na força irresistível e invencível da revolução brasileira! Vós, que nada tende a perder, e a riqueza imensa de todo o Brasil a ganhar!

Arrancaí o Brasil da guerra do imperialismo e dos seus lacaios! Todos à luta para a libertação nacional do Brasil! Abaixo o fascismo! Abaixo o governo odioso de Vargas! Por um governo popular nacional revolucionário!”.

No dia seguinte à assinatura do decreto, o “Correio da Manhã” trouxe, na primeira página, uma longa entrevista com Filinto Müller, chefe de polícia da capital da República, na qual ele afirmava ter o Brasil sido escolhido para centralizar a irradiação do comunismo no mundo, e que a Aliança Nacional Libertadora seria “a pele de cordeiro com que se vestiu o Partido Comunista, de maneira que pudesse agir mais livremente entre nós”.

13/07/1962

## Presidente sanciona lei do 13º salário

O Congresso Nacional aprova, e o presidente João Goulart sanciona lei que institui a gratificação de Natal, ou o "13º salário". A Lei 4.090/1962 foi assinada apenas 12 dias após a queda do gabinete parlamentar, presidido por Tancredo Neves.

Jango ratificou assim seu compromisso com o movimento sindical, que desde o ano anterior vinha promovendo intensa mobilização pela aprovação do projeto. Esse mesmo movimento sindical levaria para as ruas, nos meses seguintes, a campanha pela volta do presidencialismo.

A aprovação da gratificação de Natal não foi, porém, apenas um ato de governo ou uma decisão do presidente da República. Ela foi o resultado de anos de negociações entre o Estado, os patrões e os empregados, na maior parte das vezes marcadas por greves, abaixo-assinados, prisões e repressão.

Os movimentos grevistas nas décadas de 1920 e 1950 já tinham o abono natalino em suas pautas de reivindicações. Nos anos 1960, o movimento sindical, fortalecido e com grande poder de barganha, conseguiu fazer uma reclamação nacional, sob forte oposição dos

empresários e da grande imprensa.

Em 1961, após a apresentação do projeto — de autoria do deputado Aarão Steinbruch — ao Congresso Nacional, o 3º Encontro Sindical, realizado na Guanabara, decidiu lançar o Congresso, estabelecendo até um prazo para aprovação da lei: novembro de 1961. Em dezembro, os sindicatos dos metalúrgicos e têxteis de São Paulo decretaram a greve geral pelo 13º, sendo duramente reprimidos pelo governador Carvalho Pinto. Apesar da repressão, a campanha se manteve.

Meses antes da aprovação da lei pelo Congresso, o jornal "O Globo" publicou o editorial, tão bombástico quanto furado: "Considerado desastroso para o país um 13º mês de salário". Jamais seria.

17/07/1962

## Mulheres iniciam luta pela anistia

O Brasil chegou à Copa de 1962, no Chile, com a autoestima em alta, preparado para conquistar o bicampeonato. E conquistou — vencendo a Tchecoslováquia por 3 a 1 na final — sem Pelé, contundido logo no segundo jogo, mas com um anjo de pernas tortas mais endiabrado do que nunca, a ponto de jornais chilenos perguntam: "Garrincha, de que planeta você vem?".

Garrincha vinha de um planeta chamado Brasil, que menos de um mês antes levantara a cobiçada Palma de Ouro do Festival de Cannes, com o filme "O Pagador de Promessas", de Anselmo Duarte. Antes de 1962 chegar ao fim, o Santos de Pelé seria o primeiro

tempo brasileiro a vencer a Copa Intercontinental (chamada de "Mundial de Clubes"), goleando o Benfica, do astro Eusébio, por 5 a 2, na casa deles.

Na mesma época, o basquetebol do Brasil mostrou ao mundo que tinha "samba" também na mão: a geração de ouro formada por Amaury Passos, Wlamir Marques, Ubiratan e Rosa Branca conquistou o bicampeonato mundial (1959 e 1963), além das medalhas de bronze nos Jogos Olímpicos de Roma (1960) e Tóquio (1964).

Tudo somado, parecia que em 1962 o complexo de vira-latas havia ficado para trás de uma vez por todos, substituído pelo sentimento

de que o país finalmente poderia dar certo — quando na verdade caminhava para dar errado: a renúncia de Jânio Quadros no ano anterior abrira espaço a uma crise política que começou com a resistência dos militares à posse do vice João Goulart e atingiu o ponto máximo com o golpe civil-militar de 31 de março de 1964.

1962 foi o ano em que o Brasil quase deu certo.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para [memoria@fpabramo.org.br](mailto:memoria@fpabramo.org.br)

[memorialdademocracia.com.br](http://memorialdademocracia.com.br)



F U N D A Ç Ã O  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

# PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO *que transforma*

 @fpabramo

 @fpabramo

 Fundação Perseu Abramo

 (11) 5571-2609

 fpabramo.org.br

 teoriaedebate.org.br

 fpabramo.org.br/focusbrasil

formação **FPA**

DIRETORIA DE  
FORMAÇÃO  
ESCOLA  
NACIONAL DE  
FORMAÇÃO

**NAPPs**

**NOPPE**



Centro de  
Documentação e  
Memória Política  
Sérgio Buarque  
de Holanda